

# ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

## ■ Vivência docente no ensino remoto: da quadra para as telas digitais

 Ana Paula Corrêa \*

**Resumo:** O trabalho tem como principal objetivo apresentar uma experiência docente na área da Educação Física Escolar e o olhar de uma professora diante dos desafios e da reinvenção da prática com o ensino remoto, no contexto da pandemia de Covid-19. A professora atua na cidade de Varginha, localizada no sul de Minas Gerais, e dá aulas para crianças do ensino fundamental I, em uma escola particular, na qual realiza um trabalho social. Busca-se descrever as práticas e os recursos utilizados, como, por exemplo, as plataformas digitais e as diversas maneiras de mediar os temas abordados normalmente de modo presencial, mas devido à urgência sanitária, passou a ser de maneira virtual, ou seja, através de aulas *online*, plantões para tirar dúvidas, apoio a outros docentes nas aulas síncronas, atividades assíncronas, aulas gravadas enviadas utilizando-se o aplicativo WhatsApp e, mais recentemente, a combinação entre aulas *online*, atividades assíncronas e aulas presenciais. O relato de experiência traz reflexões de outros educadores e também as percepções da autora em relação ao ensino remoto. Conclui-se que a pandemia trouxe tempos de muitos desafios e mudanças para os professores e, em especial, para os docentes da Educação Física Escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. Ensino virtual. Tecnologia digital.

**Abstract:** The main objective of this work is to present a teaching experience in the field of Physical Education and the view of a teacher in face of the challenges and reinvention of the practice with remote teaching, in the context of the Covid-19 pandemic. The teacher works in the city of Varginha, located in the south of Minas Gerais, and teaches elementary school children at a private school, where she also carries out social program. It seeks to describe the practices and resources used, such as digital platforms and the various ways to teach topics normally addressed in person, but which, due to the health urgency, were conveyed virtually. Strategies used were online classes; online office hours; support for other teachers in synchronous classes; asynchronous activities; recorded classes sent using the WhatsApp application; and, more recently, the combination of online classes, asynchronous activities and in-person classes. The experience brings reflections from other educators, as well as the author's perceptions in relation to remote teaching. It is concluded that the pandemic brought many challenges and changes for teachers and, in particular, for Physical Education teachers.

**Keywords:** Physical Education. Virtual teaching. Digital technology.

---

\* Ana Paula Corrêa é graduada em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) pelo Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS/ MG, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica no UNIS/MG. Professora no Ensino Fundamental I. Cursa Mestrado Profissional em Educação na UFLA (Universidade Federal de Lavras). Contato: ana.correa1@estudante.ufla.br

## Introdução

Com a chegada da pandemia em nosso país, no dia 16 de março de 2020, todas as escolas de nosso município suspenderam as aulas presenciais, a princípio até o dia 31 de março, e depois por tempo indeterminado. Como uma funcionária registrada em uma escola particular, sob a lei trabalhista, havia a preocupação com o meu trabalho para minha subsistência. Então, naqueles dias, todos da equipe docente ficamos preocupados, receosos com a nossa saúde e com a continuidade do nosso trabalho pedagógico. Iniciamos um cuidado redobrado conosco e de bem-estar para não haver contágio com o vírus, e assim permanecemos até o fim do mês de março de 2020.

Em seguida, iniciaram os primeiros movimentos da gestão de nossa escola para iniciarmos as aulas *online* e, assim, nos preparamos durante duas semanas, com diversas formações e reuniões sobre a nova plataforma de ensino – Microsoft Teams. Em meus pensamentos vieram vários questionamentos: como seria se não tivesse aula *online* ou aula gravada? Os estudantes irão aprender? Como acontecerão as aulas? Quais atividades podemos realizar? Quais brincadeiras faremos que não exijam muitos materiais e nem gerem uma sobrecarga para as famílias?

[...] a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. E na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em youtubers gravando videoaulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o Google Hangout ou o Zoom e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo. (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 352).

Inicialmente, a minha experiência com as tecnologias se dava principalmente por curiosidade. O meu desejo de fazer o melhor esbarrou no tempo de uso do meu computador, que era do ano de 2013, e tinha poucos recursos, o que inviabilizava sua utilização de modo mais profícuo. Mesmo diante dessas dificuldades, com todo carinho e respeito que tenho pelas crianças para as quais leciono, me aventurei e com grande teimosia continuei. Lembro que, para a aula experimental, me preparei muito, mas quando estava dando a aula para as minhas gestoras, elas não conseguiam me ver direito e diziam: “Ana, não

estamos lhe vendo, a sua imagem está embaçada”. E assim, tudo que havia planejado não deu certo e terminamos a aula-teste. Despedi-me e saí da aula aos prantos. Começava ali uma saga de sacrifícios e reinvenções. Ser professor em um país como o nosso não é fácil, nunca foi, mas trago aqui a minha experiência de superação e o início da minha trajetória educativa no ensino remoto.

A situação provocada pela pandemia expôs ainda mais as mazelas educacionais. Claro que nenhum profissional, professor ou não, estava preparado para lidar com as dificuldades surgidas; no entanto, barreiras no desenvolvimento de aulas remotas nos levam a visualizar o baixo investimento educacional, bem como a falta de políticas efetivas de formação e valorização docente. (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021, p. 3).

Esse foi um dos pontos marcantes que fez aumentar em mim o desejo de querer dominar as ferramentas digitais e não me deixar ser controlada pelas tecnologias. Sendo assim, decidi buscar o melhor de mim, com o desejo de motivação e superação. Iniciamos, em nossa escola, o formato com aulas *online* no mês de abril de 2020, com muitas reuniões e formações disponibilizadas pela escola. Havia a curiosidade de querer aprender cada vez mais, e então me aventurei em tutoriais para aulas mais atrativas para meus estudantes.

Esse relato de experiência busca a reflexão sobre uma prática docente; é um pequeno recorte de uma vivência que, dentro de um curto tempo, precisou se reinventar e realizar diversas mudanças no fazer pedagógico, sempre com graus de dificuldades aumentados a cada etapa vencida do ano de 2020. Os professores de Educação Física precisaram adequar as brincadeiras e os jogos do presencial para o *online*, pensando nos materiais, na realização das atividades e principalmente na segurança dos estudantes. O desafio foi maior para nós, em relação a execução dos movimentos serem realizadas pelas crianças sem o olhar do profissional, ou seja, um movimento realizado de maneira errada, poderia lesionar os estudantes. Pontos importantes de reflexão, para a nossa prática, nesses tempos de pandemia, através do ensino remoto.

A educação brasileira foi impactada com muitas transformações, e a resistência dos professores é heroica. Mesmo diante de tanta desvalorização e precarização do trabalho, e com um governo que não pensa em políticas públicas eficazes, no final, são os professores que lutam por uma educação de qualidade, conforme Bezerra, Veloso e Ribeiro (2021).

A pesquisa aborda uma vivência com experiências exitosas e muitas dificuldades enfrentadas nesses períodos de pandemia, o que ampliou uma bagagem de conhecimentos, habilidades e atitudes da prática educativa.

Uma análise do contexto no qual se instala tão brutal ameaça revela o quadro de vulnerabilidade do ser humano, em uma conjuntura em que a natureza se encontra devastada; a desigualdade social se aprofunda e se amplia em dimensões imensuráveis; o individualismo e a competição exacerbados promovem o alastramento da exclusão e desumanização nas relações sociais; os países que detêm maior condição econômica pautam seus embates na busca de mais poder, abandonando qualquer indício de solidariedade em nome de um bem comum. No Brasil, há não apenas uma crise na saúde, mas também uma crise política, que agrava o quadro epidemiológico por conta dos equívocos no tratamento dispensado a essa pandemia pelo Governo Federal. (MACHADO, 2021, p. 2).

O objetivo desse relato de experiência é compartilhar o trabalho de uma professora de Educação Física Escolar em uma escola da rede privada de ensino, diante da migração das aulas presenciais para o ensino remoto, e descrever as mudanças na prática de ensino ao longo do ano de 2020 e início de 2021, com a articulação de experiências de outros docentes. Além disso, busca-se apresentar os recursos utilizados, as mudanças na prática docente nesses tempos de pandemia, as estratégias no ambiente virtual, os procedimentos de avaliação durante as aulas remotas, bem como retratar as vivências docentes a cada mudança de ensino remoto, ora on-line, ora aula gravada.

## Referencial teórico

Com a chegada da pandemia, o ano letivo, cuja carga anual obrigatória era de 200 dias letivos, passa a ter uma carga horária mínima.

Art. 1º O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no inciso I do *caput* e no § 1º do art. 24 e no inciso II do *caput* do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino. (BRASIL, 2020).

Diante das mudanças introduzidas, toda a comunidade escolar migrou das aulas presenciais para o ensino remoto. Com as transformações, as escolas, os estudantes e as famílias precisaram adaptar as suas casas com recursos tecnológicos e internet. Além disso, tornou-se imprescindível o tempo dos responsáveis legais das crianças para a realização de acompanhamento durante as aulas.

Com a dimensão continental do país, nem todas as crianças têm acesso à internet e as atividades propostas pelos educadores não chegam a elas. Além do mais, o ambiente de casa nem sempre é propício, repletos de violência doméstica,

alimentação inadequada, iluminação precária, falta de orientação dos educadores para as atividades, entre outros problemas recorrentes no âmbito familiar que prejudicam a conclusão dessas atividades. (AVELINO; MENDES, 2020, p. 60).

O aprendizado dos alunos esbarrou nas dificuldades das famílias nesse momento, como, por exemplo, desemprego, falta de alimento em casa, ausência de um lugar adequado para os estudantes concentrarem-se nos estudos em suas residências, dificuldades dos pais na leitura das atividades enviadas para as crianças, os quais também estavam em processo de alfabetização. Enfim, foram muitos obstáculos tanto para a escola, quanto para as famílias. Segundo Silva e De Sousa (2020, p. 964), a partir de dados da ONU, calcula-se que 1,5 bilhão de estudantes de 174 países ficaram sem aulas, por motivo de fechamento das escolas com a chegada do coronavírus.

A educação como direito de todos e dever do Estado apresenta diversas problemáticas, principalmente no ensino remoto. Todas as desigualdades já existentes somente foram enfatizadas e ampliadas com a pandemia.

O estado de emergência global decorrente do coronavírus evidenciou a necessidade de investimento e remodelamento emergencial de sistemas e práticas educacionais para o fortalecimento dos direitos sociais, culturais e econômicos e para a redução das desigualdades educacionais historicamente acumuladas. O contexto de pandemia trouxe à tona uma série de desafios e entraves quanto ao acesso à educação brasileira, sendo que estes não são exclusivamente oriundos do quadro da crise atual, mas sim resultados de uma trajetória político-institucional que não colocou a educação como prioridade de Estado. (SILVA; DE SOUSA, 2020, p. 966).

As dificuldades apresentadas são a somatória de uma linha no tempo na qual o descaso com a educação em nosso país gerou uma imensa desigualdade social ao longo dos anos. A comunidade educativa (escola e família), com a chegada da pandemia, precisou se reinventar e se adaptar para que o processo de ensino-aprendizagem continuasse.

## Ensino remoto: relato de uma experiência

No que tange à continuidade das aulas na modalidade de on-line, os professores precisam abordar elementos ligados ao cotidiano dos alunos, discutindo inclusive a situação de pandemia vivida, de maneira a explorar a dimensão educativa, pedagógica e científica, assim como instigar motivações que os mobilizem a aprender em caráter colaborativo (família-aluno; professor-aluno e aluno-aluno) (OLIVEIRA; CORRÊA; MORÉS, 2020, p. 5).

No início do mês de abril do ano de 2020, houve

uma tentativa de aproximação maior entre família e escola, através de ligações telefônicas. E muitos pais abraçaram a ideia das atividades *online*, mesmo não tendo recursos tecnológicos adequados; se esforçaram, além do trabalho da escola, para manter um contato mais estreito e de solidariedade.

As aulas duravam 15 minutos para os 1º anos e 30 minutos para os 2º e 3º anos, mas o planejamento e preparo para as aulas duravam horas, com preparo de vídeos de dança, confecção de brinquedos com materiais recicláveis (tendo-se o cuidado de solicitar materiais que as famílias pudessem conseguir sem precisar sair de casa) e exercícios individuais de ginástica geral, além de atividades assíncronas, como complemento da carga horária de 50 minutos/aula.

A questão das tecnologias, que não é recente, incide de forma direta no mundo do trabalho e não é diferente no universo educacional. Mudanças políticas, econômicas e culturais, assim como nos modelos de comunicação enfrentadas pelas sociedades contemporâneas, geraram forte impacto na educação. Assim sendo, a introdução, disseminação e apropriação de novas tecnologias suscitam novos comportamentos e novas ações humanas. (BEZERRA; VELOSO; RIBEIRO, 2021, p. 4).

Através de cursos da Microsoft, tutoriais no Youtube e formações pude ter ajuda para trabalhar os objetivos das aulas on-line, e a aquisição de um computador com Windows 10, com recursos mais atualizados, também contribuiu para esse contexto.

O valor dado à “inovação” da tecnologia no ensino não é neutro. Há interesses comerciais, culto à renovação eterna, capitalização de dados pessoais – e nenhum debate sobre isso. No bolsonarismo, piora: digitalização favorece manipulação política. (BRAGHINI, 2021, p. 1).

Todo o cenário virtual de plataformas traz como pano de fundo interesses ocultos que buscam um lucro, utilizando-se de estratégias e situações como a que estamos vivenciando, de uma pandemia, para aproveitar um mercado digital, através de dados coletados e interesses de privatização.

Como nossos educandos eram crianças menores e necessitavam da presença dos pais para estarem nas aulas on-line e muitos responsáveis precisavam sair para trabalhar, no mês de maio o número de crianças on-line diminuiu, e migramos para as aulas gravadas.

Se as “inovações” acontecem no processo histórico elas podem ser pensadas como a gerência de interesses e práticas de grupos determinados, que podem ou não gerar um objeto material, uma coisa. Muitas vezes essas inovações surgem na forma e reformas educacionais, com fins de reformas sociais. Muitas vezes são instrumentos intelectuais que nos fazem enxergar

situações ainda não percebidas. Há inúmeras inovações pedagógicas, tidas por inovações frugais, que surgem dentro das escolas, feitas por professores e alunos, e eles nem sequer sabem que estão inovando. Porque algo, para ser “novo” tem que ser percebido, compreendido, reconhecido como tal. Todo invento é um projeto político e possui estratégia de produção, difusão, circulação e reconhecimento. Algo que é novo, precisa ser reconhecido desta forma. O que significa dizer que somente é apresentado como “inovador”, algo que é “inevitável”, pelo esforço discursivo de grupos muito interessados no sucesso de sua novidade. A história das inovações é a história das relações sociais em disputa pela criatividade. Alguns têm o poder de capitalizá-la, julgando fazer “o bem”: ter as melhores soluções, os mais sofisticados cases de sucesso, em nome da “melhoria da educação brasileira”. Outros, parecem se revestir da áurea de retrógrados, quando criticam esse tipo de posição que joga sistematicamente ao passado práticas, ações, gestos, criações, sentimentos, que também já foram inovadores e que, agora, não servem mais para nada. Chega a ser ingenuidade coletiva desconsiderar a história como um celeiro de ideias e soluções. E chega a ser escravizador que somos levados à perseguição daquilo que é sempre “novo”, mas que sofre de obsolescência programada, e portanto, efêmero. (BRAGHINI, 2021, p. 1).

Em função da busca pela novidade, nos submetemos a horas de estudos dessas plataformas e aplicação dos seus recursos da melhor forma possível, a fim de organizar as aulas gravadas. Foi um desafio muito grande, pois precisamos aprender novas formas de utilizar outras ferramentas digitais, como, por exemplo, realizar a gravação de tela, salvar arquivos que pudessem ser enviados através do Whatsapp e ter um cuidado com os objetivos da aula. Durante esse tempo, enviamos aulas gravadas, atividades assíncronas e os plantões eram para os estudantes tirarem as dúvidas sobre a aula enviada.

O que se pode verificar é uma série de atribuições e cobranças delegadas aos docentes que, em alguns casos, não dimensionam a complexidade do fazer pedagógico humano em meio ao Ensino Remoto. Uma performance de ensino e de conteúdos que, por vezes, não considera todos os saberes e capacidades do/a professor/a que está realizando sua atividade profissional. Fatores que influenciam em uma série de sensações como: autorresponsabilização, culpa, ansiedade, medo, entre outros, que passam a acompanhar professores/as e, ao mesmo tempo, coordenadores/as pedagógicos/as no desenvolvimento do Ensino Remoto. (CEBALHOS; PIRES, 2020, p. 78).

Todo o fazer pedagógico iniciava no planejamento alinhado à BNCC e às matrizes curriculares da escola, depois pesquisavam-se atividades. As gravações duravam uma tarde toda, e em sequência vinha a edição dos vídeos, a gravação da tela e novamente a edição para que o vídeo ficasse pronto para o envio. Além de todo esse processo, que deveria contabilizar 15 minutos de aula, era ainda necessário complementar a carga

horária com mais atividades assíncronas, que nos exigiam mais pesquisa, cuidado e tempo.

Cebalhos e Pires (2020, p. 74) citam um trecho do diário de uma docente no ensino remoto:

A aula remota exige muito do professor. Apesar de o encontro virtual durar um tempo bem inferior ao de sala de aula, esse momento gera um cansaço infinitamente maior no professor. Acredito que isso ocorra em função de estarmos fora do nosso ambiente de sala de aula, num ambiente aberto, assistido e não visualizado somente pelo aluno. (DIÁRIO DOCENTE, 2020).

Essa é uma forma diferente de lecionar, que necessita de tempos ampliados e diferentes para o fazer pedagógico. No ensino remoto, houve uma adaptação da sala presencial para as plataformas virtuais, mas na maioria das escolas o tempo continuou o mesmo, ou seja, uma educação à distância (EAD) imitando o modelo presencial, sem levar em consideração a exposição excessiva às telas pelas crianças, dentre outros fatores.

Os professores de educação física tiveram que transferir suas aulas das quadras esportivas, campos e piscinas para a frente das telas do computador ou do celular. Eles adaptaram espaços e materiais, pesquisaram conteúdos e atividades pedagógicas, implementaram outras estratégias metodológicas, estabeleceram novas formas de comunicação e interação com seus alunos. (GO-DOI; KAWASHIMA; DE ALMEIDA GOMES, 2020, p. 98-99).

Em agosto de 2020, continuamos com as aulas gravadas e as atividades assíncronas, mas agora estávamos no apoio às professoras regentes. Ficávamos responsáveis pela frequência dos estudantes e, no caso de travar o computador da educadora, dávamos um suporte até o seu retorno à sala on-line. Fazíamos todo o processo citado acima para a gravação das aulas e o preparo das atividades assíncronas. E assim permanecemos até o fim do ano de 2020.

No início do ano letivo de 2021, com os casos de Covid-19 aumentando em nossa cidade, continuamos com o ensino remoto, de forma on-line, com a hora-aula mais estendida, ou seja, a tarde toda de atividades, com exercícios, danças e brincadeiras lúdicas que motivassem e incentivassem os estudantes.

Não se tratava somente de instrumentalizar os docentes, mas de abordar reflexões importantes para a melhoria nas condições de trabalho e no fazer pedagógico, para uma abordagem mais humana, pensando o professor como uma pessoa importante em nossa sociedade e que necessita de um olhar respeitoso e cuidadoso.

Não se pode imputar todas as responsabilidades da educação para os professores. A pandemia chegou e com ela pontos críticos da educação brasileira se intensificaram. Houve um distanciamento ainda maior das crianças sem condições de um ensino on-line, por não

terem um computador ou um celular, com relação aos estudantes com condições financeiras mais favoráveis. A educação precisa ser oferecida para toda a sociedade, que deve se unir em prol de uma educação de qualidade para todos, com políticas públicas eficazes e um governo que priorize o processo educacional e ações positivas e assertivas para a educação nacional.

De acordo com Oliveira e Gonçalves (2008):

A instabilidade profissional e a expansão do processo de privatização educacional exemplificam a precarização da educação pública, e representa um dos fatores que influenciam o aumento do adoecimento profissional. Os processos de privatização sempre se apresentam na forma de transferência do poder da esfera pública ao mercado. As reformas neoliberais implementadas nas últimas décadas intensificam as dinâmicas de privatização da educação na América Latina. A privatização da educação brasileira se dá com a instalação de diversas empresas no setor educacional, viés privilegiado de exploração do trabalho docente, porém, dialeticamente grande espaço de absorção de mão de obra docente. (p. 4).

Os autores abordam o assunto no ano de 2008, no entanto essa reflexão continua presente em nosso país, e crescente até nos dias atuais essa posição de mercado, de capitalismo, na qual até mesmo os sindicatos perdem força tentando se manter, de maneira a adaptar e buscar estratégias entre o que é bom para eles e para o mercado, e tentam colocar os docentes nesse meio, sempre de forma muito velada. Assim, os professores tentam resistir a essa lógica de mercado, através de buscas constantes no seu fazer pedagógico.

Não se trata aqui de criar fobia frente às tecnologias. Escrever em um papel com uma caneta é uma tecnologia. Não é disso que falo. Trata-se de problematizar diferentes aspectos desse movimento social, político, educacional que vê apenas positividade nas ditas ferramentas tecnológicas e absorve um discurso como se estivesse bebendo água. Não reconhece os grandes interesses de capital envolvidos nessas transações; não percebe as transações mais ilícitas que lícitas dos governos, mediadores, entre os interesses privados e os públicos; não compreende que tecnologias de difusão de conhecimentos podem repassar qualquer tipo de conhecimento, não apenas aqueles reconhecidos socialmente; não há discussão sobre os requisitos internacionais de proteção à saúde dos estudantes que passam horas em frente a essas máquinas, por estudo e lazer; não se tem claro as regulamentações sobre a transferência de dados de crianças e adolescentes que transitam por essas plataformas e são moedas de troca etc... A lista de problematizações é mais longa. (BRAGHINI, 2021, p. 1-2).

A mercantilização é feita de forma velada, realizada através das plataformas, em nome de um futuro digital, e a coleta de dados auxilia na privatização e no comércio, os quais favorecem um pequeno grupo em nosso país.

A educação foi transformada em uma mercadoria no meio tecnológico e também direcionada a uma lógica capitalista, intitulada “inovação educacional”. Segundo Braghini (2021, p. 2), “ fingindo ser mais ingênuos do que somos, descansamos de nossos semelhantes, já dizia um filósofo”.

## Considerações finais

Todo o processo descrito nos exigiu um preparo muito grande e relevante para a educação em meu município, sendo referência para outras escolas. Cada mudança exigia aprendizados e tempo, muito tempo disponível para colocarmos em prática um novo caminho. Pudemos compreender que nós, professores, em nenhum momento largamos nossa missão; pelo contrário, batalhamos nesses tempos difíceis para uma educação de qualidade, para nossos estudantes e, acima de tudo, para uma formação docente de excelência. Iniciamos com uma prática docente presencial e migramos para o ensino remoto, sem nunca termos tido a experiência de uma educação on-line. As formações, a curiosidade, o desejo de dar o melhor em todas as aulas, todo o

processo pelo qual passamos enfrentamos com coragem e muita fé de dias melhores, sempre com sentimentos positivos e incentivando os nossos estudantes.

Com a experiência vivida como docente, grandes foram os aprendizados, os quais levarei comigo para sempre, da quadra para as telas digitais. A palavra que a todo momento esteve presente foi reinvenção. Reinventar o conteúdo, de maneira leve, lúdica e com muita excelência no planejamento e na aplicação, na qual o professor busca novas alternativas, apresenta um olhar sensível para com seus educandos e torna a aprendizagem significativa para eles.

O relato me fez debruçar e pensar a prática docente, principalmente nesse momento que vivemos. O pensar e repensar as experiências educacionais nos possibilita compreender todo o processo social e cultural de grandes mudanças dessa nova realidade escolar: “um novo normal” para a comunidade educativa, o qual impõe ao professor uma lógica de mercado, em que, em meio a uma pandemia, professores ficam sujeitos a plataformas, como incentivadores de um uso no qual foram realocados, mas também contribuindo, por outro lado, para a privatização e o capitalismo. ■

## Referências

- AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. **A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.
- BEZERRA, Narjara Peixoto Xavier; VELOSO, Antonia Pereira; RIBEIRO, Emerson. **Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia**. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo, v. 3, n. 2, p. 323917-323917, 2021.
- BRAGHINI, Katya. As armadilhas da educação via plataformas. **Revista Outras palavras Jornalismo de profundidade e pós capitalismo**, São Paulo, 24 maio 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadosdemocracia/as-armadilhas-da-educacao-via-plataformas/>. Acesso em 27 maio 2021.
- BRASIL. **Medida Provisória n. 934, de 01 de abril, 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 10/06/2020.
- CEBALHOS, Camila Machado; PIRES, Celina Saideles. **A atuação na escola na pandemia: um relato de experiência**. Costuras entre educação e saúde, p. 68, 2020.
- GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; DE ALMEIDA GOMES, Luciane. **“Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19**. Dialogia, n. 36, p. 86-101, 2020.
- MACHADO, Roseli Belmonte et al. **Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares**. Movimento, v. 26, 2021.
- MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. Dialogia, p. 351-364, 2020.
- OLIVEIRA, Cristina Borges de; GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho. **Precarização do trabalho docente na Argentina, Colômbia e Brasil: um estudo comparado**. In: Segundo Congresso Nacional/Primer Encuentro Latinoamericano de Estudios Comparados En Educación, 2008.
- OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréia. **Ensino remoto emergencial em tempos de covid-19: formação docente e tecnologias digitais**. Revista Internacional de Formação de Professores, v. 5, p. e020028-e020028, 2020.
- SILVA, Denise dos Santos Vasconcelos; DE SOUSA, Francisco Cavalcante. **Direito à educação igualitária em tempos de pandemia: desafios, possibilidades e perspectivas no Brasil**. Revista Jurídica Luso-Brasileira, v. 6, n. 4, p. 961-979, 2020.